

Animacidade no Processamento de Pseudoclivadas em Português Brasileiro¹

Fernando Lúcio de Oliveira²

OLIVEIRA, Fernando Lúcio. Animacidade no Processamento de Pseudoclivadas em Português Brasileiro, *Linguística Rio*, vol.2, n.2, abril de 2016.

ISSN: 2358-6826
[www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/oliveira.pdf]

Informações do autor

Fernando L. de Oliveira / CNPq
Doutorando Universidade Federal do Rio de Janeiro
Contato:
fernandoluciufrj@gmail.com

Outras informações

Enviado: 23 de fevereiro de 2015
Aceito: 28 de março de 2016
Online: 12 de abril de 2016

RESUMO: O presente artigo investiga o papel do traço de animacidade no processamento de pseudoclivadas no Português Brasileiro (PB). Especificamente, utiliza-se a técnica de leitura automonitorada para estudar a relação entre os sintagmas QU *quem* e *o que* e a animacidade das expressões nominais clivadas. A hipótese inicial previa que sintagmas do tipo *quem* seriam mais aceitáveis e mais fáceis de processar quando correferentes a uma expressão nominal com o traço [+humano], enquanto sintagmas do tipo *o que* o seriam quando correferentes a uma expressão nominal com o traço [-humano]. Resultados preliminares apontam uma escala de animacidade diferente da prevista, sugerindo a necessidade de mais investigações para obter resultados mais robustos.

KEY WORDS: Animacidade; Processamento; Pseudoclivadas; Leitura Automonitorada

Introdução

O estudo das interrogativas QU tem sido amplamente desenvolvido nas últimas décadas e importantes resultados vem sendo apresentados, contribuindo para a explicação de fenômenos sintático-semânticos relacionados à obediência do parser a princípios de gramática e de processamento (cf. DE VINCENZI, 1996; LAGE et.al., 2008; OLIVEIRA & MAIA, 2010; OLIVEIRA, 2013; MAIA, MOURA & OLIVEIRA, 2014; *inter alia.*). Apesar disso, ainda não haviam sido contrastadas em um mesmo desenho experimental os pronomes *quem* e *o que* coindexados a expressões nominais com diferentes traços de animacidade. Está aí justificada a necessidade de uma análise dessas estruturas a partir do método experimental, para levantar hipóteses e gerar discussões que contribuam para a teoria estabelecida até então. Partindo de apontamentos de um experimento, cujos

¹ O presente artigo é fruto de um trabalho em andamento, que se enquadra no projeto de doutorado do autor, intitulado “O Processamento Psiconeurolinguístico da Assimetria Sujeito-Objeto em Construções do tipo QU no Português Brasileiro e no Português Europeu”. Uma primeira versão foi apresentada como trabalho final de disciplina ministrada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (POSLING-UFRJ) pela professora Carlota Rosa, a quem o autor agradece pelas sugestões.

² Professor Substituto de Linguística da UFRJ, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (POSLING/UFRJ), Bolsista do CNPq (Processo nº 140582/2013-4) e colaborador do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

resultados apresentamos em Oliveira & Maia (2010), foi elaborado um experimento de leitura automonitorada com julgamento de frases, cujos resultados são apresentados e discutidos neste artigo. Em um dos experimentos com frases transitivas do Português Europeu (PE) reportados em Costa (2006) verificou que SNs em posição pré-verbal são sempre os melhores candidatos para a função de *effector*³, ainda que não exibam traços semânticos prototípicos de agentividade. Em outro experimento do mesmo artigo, com clivadas do PE, a autora verificou que há diferenças significativas nos tempos de reação que evidenciam uma maior acessibilidade do SN quando ele reúne traços semânticos e morfológicos que o potencializam como candidato a *effector* (COSTA, 2006, p.253).

Ora, tais resultados justificaram o esforço de investigação sobre o processamento traço de animacidade e agentividade em sentenças pseudoclivadas do PB. O objetivo é compreender se, em frases com verbos não transitivos (como *cair*), pode ser atribuído ao pronome em posição pré-verbal (*quem* x *o que*) um papel semântico prototípico [+animado] ou [-animado], respectivamente, ou se essa informação de ordem dos constituintes não é suficiente, sozinha, para estabelecer tal distinção.

Em Oliveira & Maia (2010), resultados experimentais apontaram tempos de leitura menores para o pronome *quem* se comparados ao pronome *o que*, em interrogativas de sujeito e de objeto no PB. Partindo desses resultados, a hipótese inicial era a de que esse pronome, apesar de não conservarem uma transparência semântica sobre suas formas primitivas – *qui / quod* – do latim (isto é, não se percebe mais, sem instrução prévia, a marcação morfológica de caso do latim que distinguia neles a função sintática, a depender da frase), conservam um resquício semântico do caso morfológico que seria verificável em dados do processamento da compreensão desses pronomes em frases como as que foram testadas aqui. Como as frases utilizadas apresentam verbos com grade temática diferente dos testados por Costa (op.cit), já que se trata de frases intransitivas, buscou-se testar exploratoriamente se há uma espécie de concordância de traços entre o pronome (*quem / o que*) e o SN que o retoma. Assumindo que, nas frases experimentais aqui utilizadas, tanto o pronome quanto o SN sempre têm função de sujeito e papel de *tema* ou *experenciador* da ação descrita pelo verbo, esperava-se que o pronome *quem*

³ Como explica Costa (2006, p.239), Van Valin e Wilkins (1996) propõem a designação de *effector* como o papel semântico básico (no qual estariam inscritas outras categorias, como *agente, força e instrumento*) “que emerge da informação léxicosemântica verbal e que designa o participante dinâmico que realiza algo em um evento”.

“concordasse” semanticamente com os SNs que possuíam o traço [+animado] enquanto o pronome *o que*, com SNs que possuíam o traço [-animado].

As seções a seguir estão organizadas do seguinte modo: em 1, faz-se uma breve exposição sobre alguns tipos de clivadas no PB, para delimitação do objeto de estudo. Em 2 é apresentado e discutido um experimento de leitura automonitorada com pseudoclivadas no PB. Na seção 3 são discutidos os resultados e feitos alguns apontamentos, seguindo-se as referências.

1. Pseudoclivadas no PB

As sentenças clivadas em geral têm sido referidas na literatura desde pelo menos a década de 1970. São “designadas para focalizar” e “deixam explícita a divisão entre foco (informação nova ou não-pressuposta) e pressuposição (focal) ou informação compartilhada (o *background*)” (RESENES, 2014, p.18). Tais construções no PB podem ser exemplificadas em (1)⁴:

- (1) a) O gato que estava no muro caiu. (sentença declarativa normal)
 b) Foi [o gato [que estava no muro]] que caiu. (clivada canônica)
 c) [O gato [que estava no muro]] foi que caiu. (clivada invertida)
 d) [Quem caiu] foi [o gato [que estava no muro]]. (pseudoclivada)
 e) [O que caiu] foi [o gato [que estava no muro]]. (pseudoclivada)

Em (1a), temos uma sentença declarativa comum do PB. (1b) é exemplo de uma clivada canônica, em que uma mini-orção recebe foco sob escopo da cópula *foi*, na clássica estrutura [cópula+[_F XP]+*que*]. A sentença (1c) exemplifica uma clivada invertida, na qual o elemento focalizado aparece em posição pré-copular [[_F XP]+cópula+*que*]. Já as sentenças (1d) e (1e) são as chamadas pseudoclivadas, que envolvem, além da cópula, um sintagma QU. Observe-se que todas os exemplos em (1) apresentam uma OR encaixada, o que não é uma ocorrência obrigatória. Como será detalhado na seção 3, este artigo trata de sentenças pseudoclivadas do PB, como as representadas em (1d) e (1e). A escolha se deve à relevância crescente do estudo do processamento de sintagmas-QU movidos no PB e no PE e aos desdobramentos da pesquisa de doutorado do autor, consubstanciados em

⁴ Há outras construções possíveis e não listadas neste artigo. Para mais sobre tipologia de construções clivadas em português, consultar Resenes (2009; 2014) e referências lá encontradas.

trabalhos como Oliveira & Maia (2010), Oliveira (2013), Maia, Moura e Oliveira (2014) e Oliveira (a aparecer).

2. Experimento de leitura automonitorada

Foi elaborado um experimento piloto de leitura automonitorada não-cumulativa⁵ com julgamento de frases para investigar a hipótese sobre o traço de animacidade da expressão nominal correferente ao sintagma QU movido em pseudoclivadas do PB. As características do experimento são apresentadas/discutidas a seguir. Reportam-se aqui os resultados de um experimento piloto, elaborado no software Psyscope X B57 em um iMac 21”.

2.1 Características gerais do experimento

Participantes: Foram testados 18 participantes, todos falantes nativos do PB e estudantes das turmas de graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Além disso, cada um assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que informa o participante sobre a responsabilidade do pesquisador em manter o sigilo das informações dos participantes, bem como em zelar pela ética em todas as fases da pesquisa, em conformidade com a Declaração de Helsinque e com as diretrizes do Comittee on Publication Ethics / COPE (www.publicationethics.org).

Materiais: Foram utilizadas, nesse experimento piloto, 36 frases experimentais (divididas em 6 segmentos), distribuídas em 6 versões, além de 12 frases distrativas, comuns a todas as versões. Cada versão contou, pois, com 18 frases, das quais 6 experimentais e 12 distrativas, organizadas em esquema de quadrado latino, de modo que todos os sujeitos viram todas as condições, mas não os mesmos itens/frases de cada condição. Sendo inicialmente 18 sujeitos, três por versão, reúnem-se 18 julgamentos de aceitabilidade para cada frase.

⁵ Paradigma conhecido como *self paced reading*. A leitura é não-cumulativa porque, à medida que o sujeito pressiona um botão pré-definido pelo pesquisador, o segmento lido desaparece, sendo substituído por outro na mesma posição. Assim, o sujeito nunca vê vários segmentos (de forma cumulativa) em uma única tela, mas vê sempre um de cada vez em telas diferentes, o que garante que não haja desperdício de tempo/atenção com segmentos que já foram lidos.

As variáveis independentes foram o sintagma QU (quem/o que) a animacidade do elemento focalizado (inanimado/ animado, não humano/ animado, humano). As variáveis dependentes foram os tempos médios de leitura em ms (medida *on-line*) no segmento crítico e os índices de julgamento das frases interpretativas (medida *off-line*). Gerou-se, portanto, um design fatorial do tipo 2x3, com duas variáveis, sendo a primeira com 2 níveis e a segunda com 3, todas as comparações feitas entre sujeitos (*between subjects*). O segmento crítico era sempre o elemento focalizado (4º segmento), uma vez que nesse ponto da leitura é estabelecida a correferência entre o antecedente pronominal (o sintagma QU movido) e a expressão nominal que recebe o foco (o DP que sucede a cópula). Cruzando-se as variáveis independentes, formam-se as condições experimentais abaixo exemplificadas, acompanhadas da respectiva legenda (a letra maiúscula em negrito na descrição é a que foi usada para rotular a condição; as barras separam os segmentos como foram apresentados na tela do computador durante a tarefa experimental; segmento crítico representado em negrito no exemplo):

Rótulo	Descrição	Exemplo
MI	Pronome queM , SN Inanimada	? Quem/ caiu/ foi/ o copo / que estava/ no muro.
MN	Pronome queM , SN Não-humano	Quem/ caiu/ foi/ o gato / que estava/ no muro.
MH	Pronome queM , SN Humano	Quem/ caiu/ foi/ o rapaz / que estava/ no muro.
EI	Pronome o quE , SN Inanimado	O que/ caiu/ foi/ o copo / que estava/ no muro.
EN	Pronome o quE , SN Não humano	O que/ caiu/ foi/ o gato / que estava/ no muro.
EH	Pronome o quE , SN Humano.	? O que/ caiu/ foi/ o rapaz / que estava/ no muro.

Quadro 1: condições experimentais.

Como observado, as frases no quadro 1 representam pseudoclivadas do PB com o pronome interrogativo *quem* (MI, MN e MH) ou com o pronome interrogativo *o que* (EI, EN e EH).

EN, EH). Em MI e EI, o SN de retomada do pronome é inanimado. Nas frases MN e EN, esse SN é animado, mas não-humano. Já nas frases do tipo MH e EH, humano. Portanto, os pronomes *quem* e *o que* foram combinados nesse experimento em uma espécie de escala de animacidade, que vai do inanimado ao humano, o que será crucial para as hipóteses e previsões detalhadas na próxima seção e para os resultados apresentados e discutidos em seguida.

Métodos: Cada sujeito realizou a tarefa isoladamente no Laboratório de Psicolinguística Experimental da UFRJ, sendo previamente informados sobre ela e realizando antes uma versão de treinamento.

Conforme era pressionado um botão pré-definido pelo pesquisador (usualmente a barra de espaços), o computador registrava os tempos de leitura de cada segmento. Ao final de cada sentença, aparecia uma outra frase, que podia interpretar corretamente ou não a sentença lida em partes. Então, o sujeito devia pressionar um botão verde (letra “s” em um teclado QUERTY, US Internacional), se a declaração lida interpretasse corretamente a sentença, ou um botão vermelho (letra “l”), se não. Depois, bastava pressionar novamente a barra de espaços para reiniciar o procedimento, até que fosse anunciado o fim da tarefa por meio de uma mensagem na tela.

2.2 Hipóteses e Previsões

As observações advindas dos resultados de um experimento de leitura automonitorada reportado em Oliveira & Maia (2010) e Oliveira (2013) levantaram duas questões principais: (i) O pronome interrogativo *quem* é prototipicamente [+humano] e [+agentivo]? e (ii) Em contrapartida, o pronome *o que* é prototipicamente [-humano] e [-agentivo]? Os resultados aqui discutidos pretendem oferecer pistas para possíveis respostas a essas questões. Nos referidos trabalhos, o autor encontrou tempos médios de leitura maiores para o pronome *o que* do que para o pronome *quem*. Na época, o interesse central da pesquisa era o estudo da Assimetria Sujeito-Objeto em interrogativas-QU do PB. Surgiram, então, os questionamentos acima, que permaneceram até recentemente como questões em aberto resultantes daquele primeiro experimento. Decidiu-se, portanto, investigar exploratoriamente esses questionamentos.

A hipótese inicial era a de que o pronome *quem* seria prototipicamente [+humano] (não necessariamente [+agentivo], já que os verbos são intransitivos) e ocorreria o

contrário com o pronome *o que*, que seria [-humano] (não necessariamente [-agentivo]). Assim, as previsões eram de que os tempos médios de leitura seriam os menores para a retomada de *quem* por uma expressão animada e humana. Semelhantemente, a retomada de *o que* por uma expressão inanimada apresentaria os menores tempos médios de leitura. Considerando a hipótese inicial e as demais combinações, previa-se uma escala de dificuldade de processamento: (a) para o pronome *quem*, a escala crescente de dificuldade de processamento: MH > MN > MI; (b) para o pronome *o que*, a escala crescente de dificuldade de processamento: EI > EN > EH. Além disso, a expectativa era a de que os índices de julgamento demonstrassem maior precisão (maior número de respostas corretas) para MH e EI, seguindo a mesma escala apresentada acima para a medida *online*. A seção seguinte apresenta discute os resultados preliminares do experimento piloto descrito acima.

2.3 Resultados

Os resultados obtidos nesse primeiro levantamento foram tratados com o auxílio do Libre Office Calc 5.0 (programa similar ao Microsoft Excel) e do software *open source* (gratuito para download para fins de pesquisa científica e com código fonte aberto para alterações) EZ Anova. Fez-se a crítica dos dados calculando-se os tempos médios de leitura no 4º segmento e o desvio padrão da amostra para cada condição. Em seguida,

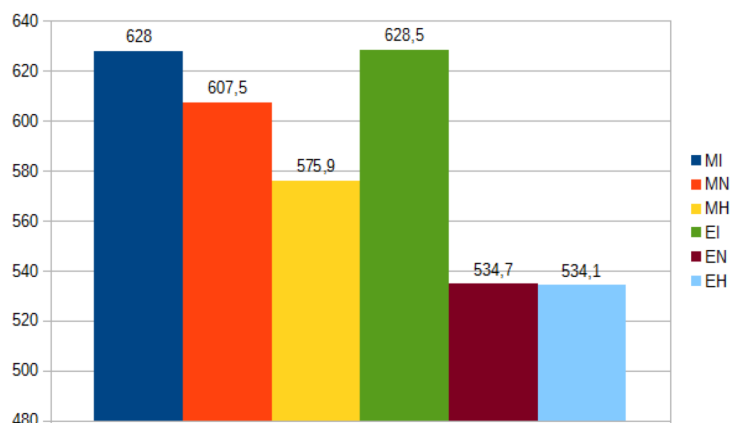


Figura 1: Tempos médios de leitura nos elementos focalizados.

assumiu-se a tolerância de 1 desvio padrão acima ou abaixo da média, considerando-se os valores que extrapolam tal regra como discrepantes⁶. Excluídas as medidas que extrapolavam a tendência central (no caso, a média),

⁶ É comum, na estatística experimental, considerar-se o desvio padrão como a medida de dispersão que serve de modo mais prático para o tratamento dos dados. Por isso, se um determinado valor na amostra está mais de um desvio padrão acima ou abaixo da média, é considerado como medida discrepante (ou *outlier*). Por exemplo, se o tempo médio de leitura para uma condição for, digamos, 300ms e o desvio padrão for 250ms, serão medidas discrepantes todos os valores abaixo de 50ms (300ms-250ms) e acima de 550ms (300ms+250ms). Esse procedimento de exclusão de medidas discrepantes é conhecido como *trimming* de *outliers*.

distribuíram-se os tempos médios de leitura do elemento focalizado (4º segmento) na figura 1.

As principais diferenças entre as médias serão discutidas na seção seguinte. Os índices de julgamento para as frases interpretativas estão apresentados no Quadro 2:

CONDIÇÃO	ACERTOS	ERROS
MI	10	8
MN	5	13
MH	5	13
EI	6	12
EN	5	13
EH	5	13

Quadro 2: índices de julgamento das frases interpretativas

Em geral, os resultados demonstram médias bastante semelhantes e ainda são inconclusivos, refletindo a necessidade de (i) uma coleta de dados com uma amostra maior e (ii) um conjunto de dados mais expressivo. No segmento crítico, há variância dos tempos médios de leitura, observados no Gráfico 1, porém A ANOVA e o Teste T para todas as principais comparações não apontaram significância em termos estatísticos: ANOVA: [TIPO DE SINTAGMA QU $F(1,102) = 1,55$ $p < 0,215834$; ANIMACIDADE $F(2,102) = 2,12$ $p < 0,125482$; TIPO DE SINTAGMA QU*ANIMACIDADE $F(2,102) = 0,484$ $p < 0,617665$]. Teste T: MI x MN [$t(34)=0.63$, $p=0.52$]; MN x MH [$t(34)=0.92$, $p=0.36$]; MH x EI [$t(34)=0.80$, $p=0.42$]; EI x EN [$t(34)=0.03$, $p= 0.97$]; EN x EH [$t(34)= 0.50$, $p= 0.61$]; MI x EI [$t(34)=0.44$, $p=0.65$]; MN x EN [$t(34)=0.16$, $p=0.86$]; MH x EH [$t(34)=0.05$, $p= 0.95$]. No segmento pós crítico, cujos resultados não foram reportados aqui, a variância também foi estatisticamente insignificante, o que indica não haver efeito *spill over*⁷. Os índices de decisão (medida *off-line*), apesar do número alto de acertos, também são muito semelhantes para ambos os pronomes. A única diferença relevante é na condição MI,

⁷ O chamado efeito *spill over* ocorre quando a dificuldade de processamento de um item/sintagma não é percebida na região considerada como crítica, mas é de algum modo *debordada* para a região pós-crítica, na qual podem ser verificados, no caso da técnica utilizada aqui, maiores tempos médios de leitura.

resultado que pode refletir maior dificuldade de processamento da relação *quem*+inanimado ou pode estar apenas sendo mascarado, por exemplo, pela influência de outro traço que não o de animacidade.

4. Discussão

Apesar da não relevância estatística das diferenças encontradas, não se pode defender precocemente a Hipótese Nula. Aliás, sabe-se que a ausência de evidência não significa, necessariamente, a evidência da ausência. Em primeiro lugar, comparando as médias no Gráfico 1, a variância foi maior para o pronome *quem* do que para o pronome *o que*. Em segundo lugar, a condição MI teve tempo médio de leitura pequeno, se comparado às demais, mas foi a que apresentou o menor número de erros. Além disso, a pouca variância em relação ao pronome *o que* com os três tipos de traço de animacidade indica também a presença de um traço não comum entre os dois pronomes. Nesse sentido, ao meu ver, estamos diante de um fator não manipulado nesse primeiro design e que estaria mascarando os resultados encontrados, no sentido de que se for isolado, as diferenças serão mais significativas. A esse respeito, é provável que um traço de *especificidade* ou *definitude* esteja influenciando o processamento dessas estruturas. Tanto *quem* como *o que* são invariáveis morficamente no PB e não recebem marcação morfológica de caso, apesar de provavelmente derivarem de casos distintos do latim. Se não estiverem ligados ao discurso por um contexto prévio, ambos parecem ter também uma referência indefinida. Apesar disso, o que pode estar ocorrendo é que, enquanto o o pronome *o que* parece ter um escopo mais amplo, mais indefinido, o pronome *quem* parece ser mais específico ou menos indefinido, o que explicaria a menor aceitabilidade das condições MI, refletida na menor precisão das respostas. Outra tendência curiosa é a dos nomes animados não humanos, como *gato*, que tiveram os maiores tempos médios de leitura (ver MN e EN) nos dois pronomes, dentre todas as condições, demonstrando que esses nomes são processados diferentemente dos inanimados e dos humanos.

Assim, pode-se supor que os dados sugerem, para além do traço de animacidade, uma hierarquia de especificidade ou de definitude, o que pode ser testado inserindo-se um artigo indefinido nos nomes clivados. Ademais, a OR encaixada não influenciou no processamento das frases estudadas, visto que foram incorporadas após o segmento crítico. A aparente aceitabilidade do pronome *quem* com focalizados não-humanos pode

ser devida ao tipo de verbo usado nas frases (todos intransitivos). Um design que cruze outros tipos de clivadas com, por exemplo, funções sintáticas diferentes, verbos de dois lugares e tipos diferentes de ORs pode revelar tendências interessantes e contribuir com a discussão proposta neste artigo. Estudos de outra natureza (teóricos, tipológicos, de *corpora*, comparativos, transdisciplinares, em acoplamento...) no âmbito do POSLING são também convenientes, tanto para a descrição e análise das pseudoclivadas no português, quanto para a compreensão dos processos cognitivos e neurológicos subjacentes ao processamento dessas estruturas pela mente/cérebro.

REFERÊNCIAS

- DE VINCENZI, Marica. Syntactic Analysis in Sentence Comprehension: Effects of Dependency Types and Grammatical Constraints. *Journal of Psycholinguistic Research*. Vol 25. nº. 1, 1996.
- COHEN, Jonathan; MACWHINNEY, Brian; FLATT, Matthew; PROVOST, Jefferson. PsyScope: An interactive graphic system for designing and controlling experiments in the psychology laboratory using Macintosh computers. *Behavior Research Methods, Instruments & Computers*. Vol25, n2, 257-271, 1993
- LAGE, Aléria Cavalcante, LEMLE, Miriam, GESUALDI, Aline da Rocha, CAGY, Maurício & INFANTOSI, Antonio Fernando Catelli (2008). Potenciais relacionados a eventos (ERP) revelam o curso da derivação sintática e a dinâmica da integração entre micromódulos de cognição de linguagem. *Ciências & Cognição* 2008; Vol 13 (2): 03-13
- MAIA, Marcus, MOURA, Amanda & OLIVEIRA, Fernando Lúcio de. Ilusão Gramatical e Falibilidade Seletiva no Processamento de Lacunas Não Preenchidas no Português Brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v.13, p.301-324, jan./jun. 2014.
- OLIVEIRA, Fernando Lúcio de & MAIA, Marcus. *Processing of subject and object Wh-questions in Brazilian Portuguese*. In: *Papers in Linguistics: Proceedings of First International Psycholinguistics Congress*. Imprinta: Rio de Janeiro, 2010.
- OLIVEIRA, Fernando Lúcio de. O Processamento da Assimetria Sujeito Objeto em Construções do tipo QU no Português Brasileiro: interrogativas e relativas. Faculdade de Letras: 2013. Dissertação de Mestrado. ----- . *Efeito da Lacuna Preenchida no Português: Assimetrias no modus operandi do parser*. (a aparecer)
- RESENES, Marina Santos de. Sentenças Pseudoclivadas do Português Brasileiro. UFSC: Florianópolis. Dissertação de Mestrado. 2009.
- RESENES, Marina Santos de. A Sintaxe das Construções Semiclivadas e Pseudoclivadas do Português Brasileiro. USP: São Paulo. Tese de Doutorado. 2014.

ABSTRACT: The present paper investigates the role of animacy in processing of WH-clefts in Brazilian Portuguese (BP). Specifically, we worked out a self-paced reading experiment to study the relationship between *who* and *what* WH-phrases and the animacy of cleft nominal expressions. The initial hypothesis predicted that phrases like *who* would be more acceptable and easier to process when in coreference with a nominal expression with [+ human] feature, as phrases like *what* would be so when succeeded by a nominal expression with [-human] feature. The results point to a animacy scale which is different from the expected, suggesting the necessity of more investigations to obtain more robust results.

KEYWORDS: Animacy; Processing; WH-Clefts; Self-Paced Reading.

OLIVEIRA, Fernando Lucio de. Animacidade no Processamento de Pseudoclivadas em Português Brasileiro, *Linguística Rio*, vol.2, n.2, abril de 2016.

ISSN: 2358-6826

[www.linguisticario.letas.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/oliveira.pdf]

Enviado: 23 de fevereiro de 2015

Aceito: 28 de março de 2016

Pub. Online: 12 de abril de 2016

